

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.715

Sábado, 28 de Junho de 1924

PREÇO — 30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia
Calçada de Cembre, 38-A, 2.º Q. Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officina de Impressão—Rua da Azeitona, 111 e 113

A' hora que os operários dormem,
madrugada plena, embarcaram, para
os banqueiros de Londres 3.980.000
moedas de prata!
O roubo, agora, já não se pratica
à luz do dia!

ESCANDALOS & ESCANDALOS

ADEUS PRATA, QUE TE VAIS À VELA!...

180.000 CONTOS SAIRAM ONTEM A BARRA COM DESTINO A INGLATERRA

O suor, o trabalho mal pago, a miséria, a fome, as lágrimas das mães, a produção do povo trabalhador, transformados em 180.000 contos de prata, foram empenhados aos ingleses por políticos reles, nojentos e parasitários!

Noutros tempos, os salteadores saíam-nos ao caminho e exigiam-nos a bolsa ou a vida. Os salteadores de agora—mil vezes mais repugnantes e cobardes—roubam-nos a bolsa, levando-nos a prata, e roubam-nos a vida, espingardeando os filhos do povo!

Povo! Queres salvar a tua bolsa e a tua vida? Comparece amanhã no comício!

Estamos numa época de dissolução tremenda. Os escândalos são tantos e assumem aspectos tão revoltantes que não chega o tempo e o espaço aos jornais de combate, como «A Batalha», para largamente os escarpelizar. O país sangra de tantas e nojentas feridas, que aparece ante os nossos olhos como um cadáver que não se pode ressuscitar e ao qual urge, como único recurso, fazer-lhe a autópsia.

Ainda ontem o caso sangrento dos Olivais enchia de horror o país inteiro. Ainda ontem alarmava o povo o facto escandaloso de se encontrar nas cadeiras do poder o sr. Sá Cardoso, provavelmente conivente nas falcatruas da Companhia Cal e Cimentos onde pontifica esse «maitre chanteur» que se chama Baltazar Cabral; ainda ontem uma onda de indignação inundava de Norte a Sul do país todos os corações justos—já hoje novos acontecimentos preocupam o povo.

Tanto escândalo, tanta infâmia, tanto negócio escuro impune, confirmam plenamente o que «A Batalha» várias vezes aqui tem afirmado e que hoje repete:

E' absolutamente necessário que todo o povo, numa formidável afirmação de dignidade, se erga numa grandiosa manifestação de protesto—a última manifestação, o último aviso—que seja um grito unânime de todo o país aos ouvidos dessa canalha da finança, da industria e da politica, que seja um **Basta!** que seja um espontâneo gesto de repulsa por toda essa podridão que para aí estadeia!

A ultima do sr. Sá Cardoso, a ultima da sua moleira per-versa:

O sr. Sá Cardoso, respondendo a alguém que lhe frizava a necessidade de se fazer um inquérito sobre o canibalesco crime de Silves, de mandar sair a força armada dessa cidade, e de ordenar a imediata prisão do tenente Vinhas—disse que não podia agir por falta de verba.

Então o sr. Sá Cardoso, o «herói» desse gesto de requintada maldade, que foi o célebre «combóio fantasma» que mandou organizar quando duma greve ferroviária; então, o sr. Sá Cardoso, accionista da Cal e Cimentos, não podia pedir dinheiro emprestado a essa companhia para proceder com justiça e tomar as providências precisas e rápidas que o estupendo crime de Silves requeria?

Mercê duma negociata escura, traiçoeira e escandalosa que Alberto Xavier, acobertado pelo silêncio cúmplice do sr. Alvaro de Castro, andou tramando na sombra, saíram ontem do país, conforme noutro local se relata, 180.000 contos em moedas de prata que vão servir de caução em Inglaterra dum confuso empréstimo, que, como de costume, nunca mais se pagará, que virá servir interesses particulares de afluídos políticos e padrinhos financeiros, que fará montar o custo da vida a alturas inconcebíveis e que há de deixar-nos nesta situação tremenda: não temos prata, nem dinheiro do vago empréstimo para atender às necessidades públicas mais instantes da nação.

Empenha-se tudo. Agora foram as pratas. Negocia-se tudo! Essa prata que vai barra fora, representa a riqueza pública produzida por alguns milhões de

escravos mal pagos, mal alimentados e ainda—quando calha—fusilados em plena rua por qualquer tenente Vinhas, mais ou menos bárbaro, mais ou menos assassino, que nos aparece a uma esquina ou surge duma emboscada.

—Ou bolsa ou vida! gritavam em saudosos tempos de bem-estar, paz e harmonia, os salteadores do Pinhal da Azambuja.

—A bolsa, a prata, a camisa e a própria vida!—reclamam ao povo os salteadores modernos: os banqueiros, os moageiros, os industriais e os políticos que tem a desfaçatês de os acobertar!

Povo!

A União dos Sindicatos Operários realiza amanhã, no parque Eduardo VII, às 18 horas, o primeiro comício de protesto contra os crimes da força pública, contra os roubos das forças vivas e contra os desmandos dos políticos, que prometendo a felicidade ao povo, apenas tem contribuído para a sua ruína.

Povo! Tens brio? Tens dignidade?

Comparece em massa nesse comício!

Mostra a esses bandidos, que tam entretidos estão a roer-te os ossos, porque já não tens carne, que ainda existes e que ainda tens força para, na hora própria, metê-los na ordem!

Os drs. Joaquim Crisóstomo e Costa Junior fazem à «Batalha» declarações concretas

O caso do dia, ontem, no parlamento, era o da saída da prata portuguesa para Inglaterra.

Na Câmara dos Deputados falou-se muito no caso, fizeram-se bonitas frases sobre o assunto, o sr. Cunha Loal chegou a afirmar que era o sangue dos portugueses que ia pela barra fora! Mas a Câmara não tomou qualquer resolução no sentido de evitar o que já era inevitável, porque à hora em que tam lindas frases se faziam já os caixotes que a continham, com a marca B. B. & C.—London, seguiam a bordo para os cofres da fiel aliada.

Nos Passos Perdidos não perdeu o redactor de A Batalha os seus passos. Encontrou o dr. sr. Joaquim Crisóstomo que tem assumido no Senado uma atitude de independência pouco vulgar.

Interrogámos-lo sobre o assunto do dia, sobre a saída da prata dos cofres portugueses para os cofres ingleses.

—A riqueza de todas as nações—respondeu-nos o dr. sr. Joaquim Crisóstomo—depende do seu fundo de reserva em ouro e metais preciosos, pelo que constitui um crime de lesa-nacionalidade vender, empenhar ou transferir esses valores para o estrangeiro.

—Estamos em face dum crime?

—Sim, dum crime.

E como que continuando um pensamento, cujo começo não expressara pela palavra, rematou:

—Toda a obra do governo do sr. Alvaro de Castro,

como eu previra no dia da sua apresentação no Senado, foi dissolvente, nefasta e ruinosa para o país.

O crime barbaresco de Silves

Aproveitamos o momento para interrogar o dr. sr. Joaquim Crisóstomo sobre o caso de Silves.

—Não se compreende—disse-nos—que o ministro do Interior deixasse de mandar sair imediatamente dessa cidade as forças da guarda republicana.

«O desinteresse do referido ministro, neste caso gravíssimo, faz perigar o prestigio do poder e o bom nome da república».

O fusilamento dos Olivais

Deixámos escapar uma frase, quasi sgridada, cuja essência tanto se assemelhava à do assunto anterior.

—O crime dos Olivais?—fez o nosso entrevistado. E prosseguiu:—Estranho também que nenhuma providência oficial se tivesse ainda tomado, no sentido de serem punidos os guardas que nos Olivais fusilaram dois operários. Tais violências constituem um motivo de revolta das classes operárias e podem originar dum momento para o outro, gravíssimos acontecimentos.

E num tom profético:

—Quando os rios transbordam dos seus leitos, impossivel se torna prever o numero de vítimas e a extensão das suas funestas consequências.

E como que falando para si, comentou:

Se o povo soubesse...

—O governo caiu na mais miserável das circunstâncias, deixando os homens que o compunham numa situação pouco invejável.

Sá Cardoso e a Cal e Cimentos

Mostramos desejo de conhecer a opinião acerca da situação do sr. Sá Cardoso depois da memorável sessão do Senado:

—Sá Cardoso—disse-nos desassombradamente o nosso entrevistado—apesar da moção honrosa que a Câmara lhe votou, não se pode considerar completamente justificado, pois fez parte duma companhia sobre quem recaem as tremendas acusações de defraudar o Estado por várias maninganças, com o intuito de se furtar ao pagamento da contribuição industrial correspondente aos lucros liquidados, que realizou.

—Não lhe parece—dissemos—que haveria necessidade de impedir que homens públicos pertençam a empresas exploradoras?

—Não é fácil—respondeu-nos—fazer passar no parlamento uma lei nesse sentido, porque muitas das figuras de destaque no meio politico têm interesses ligados a plutocracia financeira.

«Todavia convém a propaganda dessa doutrina nos comícios e na imprensa a fim de se preparar atmosfera favorável à execução dum programa de moralidade administrativa».

Conversámos ainda largamente de escândalos e imo-

ralidades que registamos no nosso carnet e que só amanhã publicaremos para não fatigar os nossos leitores. Não perdem com a demora.

O dr. Costa Junior fala à «Batalha»

Sobre o caso revoltante de Silves falámos ontem com o dr. sr. Costa Junior, que exteriorizou uma indignação profunda e sincera.

—Urge—disse-nos o referido senador—que a força da guarda que praticou em Silves essas barbaridades saia imediatamente da cidade.

Falámos-lhe da prisão de César Oscar da Silva, que foi preso quando acompanhava as crianças.

—Eu não acredito—disse-nos o dr. Costa Junior—que esse rapaz, que sei cordato e ponderado, tivesse feito qualquer provocação. De resto as declarações do dr. Mealha, valiosa testemunha ocular, são bem claras. Não compreendo que esse tenente Vinhas, que o ministro do Interior devia ter chamado imediatamente à ordem, figure no processo de acção. Ele é um não é acusado.

Sobre moralidade administrativa do dr. Costa Junior fez-nos estas declarações preciosas:

—A Batalha agitou um belo assunto—esse de nenhum individuo que tenha qualquer lugar de destaque em empresas exploradoras, poder exercer funções de responsabilidade na administração pública. A Batalha tem o meu apoio.

cunhou para eterna alegria dos ricos e perpétua insolência dos tiranos...

Informam-nos de que ontem à tarde e nas ruas da Baixa foram afixados uns «placardos», chamando o povo às armas, por causa da prata que, de manhã, foi levada da Casa da Moeda e embarcada, com carta de prégo, ao que se diz, a com destino ignorado.

E a chamada, pelos modos, era também para ontem, se possível fosse.

Quanto ao armamento e onde ir buscá-lo não o disseram os «placardos», talvez porque assim como qualquer soldado de Napoleão, no dizer deste, traziam na mochila o seu bastião Marechal da França, assim também todo e qualquer português valente, quando aparece neste vale de gatunos enlucados, já vem aprestado com as armas do glorioso São Francisco.

A falta de melhor e em certos casos servem perfeitamente, pelo menos para um caso apertado de continência aos «benemeritos» graduados da quadrilha que não têm mãos a medir no saque e na pilhagem, até que alguma vez se lhes trate convenientemente da saúde.

E, por agora, antes, por São Francisco.

Abalos sísmicos

ROMA, 27. — Os sismógrafos italianos registaram violentíssimos abalos sísmicos uma distância de 11.999 quilómetros ignorando-se qual o píncro destes terramotos.

3.980:000 MOEDAS DE PRATA

embarcaram para Londres, às escondidas,
de madrugada, como quem pratica um roubo...

É FARTAR VILANAGEM!

Ontem, de madrugada, pararam à porta da Casa da Moeda, «camions» do C. E. P. Já iam buscar 997 caixotes de prata contendo 3.980.000 moedas—«coroas» de D. Maria, D. Pedro V, D. Luís e D. Carlos, E levar-nas. De madrugada ainda entraram para bordo do «Atlântico», foram para a Inglaterra, e viram-se a fazer o roubo.

«Camions» de D. Maria, D. Pedro V, D. Luís e D. Carlos, E levar-nas. De madrugada ainda entraram para bordo do «Atlântico», foram para a Inglaterra, e viram-se a fazer o roubo.

«Camions» de D. Maria, D. Pedro V, D. Luís e D. Carlos, E levar-nas. De madrugada ainda entraram para bordo do «Atlântico», foram para a Inglaterra, e viram-se a fazer o roubo.

«Camions» de D. Maria, D. Pedro V, D. Luís e D. Carlos, E levar-nas. De madrugada ainda entraram para bordo do «Atlântico», foram para a Inglaterra, e viram-se a fazer o roubo.

«Camions» de D. Maria, D. Pedro V, D. Luís e D. Carlos, E levar-nas. De madrugada ainda entraram para bordo do «Atlântico», foram para a Inglaterra, e viram-se a fazer o roubo.

«Camions» de D. Maria, D. Pedro V, D. Luís e D. Carlos, E levar-nas. De madrugada ainda entraram para bordo do «Atlântico», foram para a Inglaterra, e viram-se a fazer o roubo.

«Camions» de D. Maria, D. Pedro V, D. Luís e D. Carlos, E levar-nas. De madrugada ainda entraram para bordo do «Atlântico», foram para a Inglaterra, e viram-se a fazer o roubo.

«Camions» de D. Maria, D. Pedro V, D. Luís e D. Carlos, E levar-nas. De madrugada ainda entraram para bordo do «Atlântico», foram para a Inglaterra, e viram-se a fazer o roubo.

O sr. Alberto Xavier, fez o embarque das pratas, como os gatunos de arrabamento, esvaziaram uma casa que assolaram.

Madrugada! Estão dormindo os operários para arranjar as energias para a labuta das oficinas, dormem os burguezes que não foram ontem gastar para o «Monumental» o que roubam aos operários. Acordados apenas o sr. Alberto Xavier, a tropa que custodia as moedas e o pessoal que as embarca.

Mau sinal! Pois se a prata, como dizem, vai para garantir uma operação, para que a mandam à hora em que os ladrões manobram, confiando que a policia dormite! Parece que se concluiu uma operação—de extorquir.

Ontem, o sr. Alberto Xavier ainda não tinha declarado que a prata estava a bordo, ia para Londres.

A gente sabe que por causa de terem empenhado as pratas para a Inglaterra, não ha policia que deite a mão ao sr. Alberto Xavier e o leve fadado pela porta do casaco para um calabouço.

do Governo Civil—onde há verminas, onde ha imundície e onde ha figura intranquilizadora do sr. Ferreira do Amaral. Por outro lado, o sr. Alvaro de Castro não foi também para o Limoeiro, como preso, vai para o Terreiro do Paço, so que consta, como chefe do futuro governo.

Sabemos que o dr. Xavier não tem o recibo de ser preso. Então para que mandou a prata para Inglaterra—quando na cidade não havia um ruído e só de longe em longe uma tímida lâmpada eléctrica ilumina debilmente os «camions» que foram velozes, conduziram a prata para o país. Não desconfiamos—mas para que provocou, inexplicavelmente, o sr. Alberto Xavier, a nossa desconfiança? Diabo! Diabo, Segredados aqui, ao ouvido, uma voz íntima, que diz que a cadeia se não fez para toda a gente.

Não é a ternura pelas «coroas» que nos faz tocar no assunto. Elas são a miséria dos trabalhadores metalizados. O

sangue, o suor e a vida do povo, em ouro—e depositaram-no nos bancos de Londres.

E, manda-se de madrugada, às escondidas e, também para Londres—coincidência que faz pensar—as pratas que estavam na Casa da Moeda.

Partiram as pratas para Londres, porque o sr. Alvaro de Castro, com o apoio de quasi todos os politicos, deixou que se roubassem 6 milhões de pessoas e se depositasse o roubo, em Londres, transformado em libras. E, as pratas foram empenhadas para arranjar libras.

E, quando chegaram essas libras, os banqueiros, republicanos e monarquicos e os exploradores que com elles transaccionam, surripiam-nas e mandam-nas para Londres. Depositam-nas nos bancos ingleses para fazerem parte das suas fortunas pessoais.

E depois? Ainda mais prata a empenhar? Não. Desta vez vai a prata toda, que irá então para Londres? O povo já não pode receber mais fome para viver porque a que sofre já lhe asse-

gura, e bem prematuramente—a morte.

A prata que foi para Londres tinha sido roubada ao povo. Mas, o povo é um roubado perpétuo. Ainda consegue roubando-lhe o que ele não tem, mexer-lhe no bocado de pão, — o pão da Moagem — que ele ainda come.

Foi a prata para bordo, de madrugada, no meio do maior mistério. O sr. Alberto Xavier não teve por certo medo de que o prendessem. E quem sabe? Não teria ele receio que o povo fosse buscar o que lhe pertence, aquelas 3.980.000 moedas, que foram a sua carne, a sua miséria, a sua vida? Tiveram receio de que o povo, esse roubado, fosse buscar o que lhe pertencia, para não deixar que lhe levassem, mais algumas garantias que ele tem de viver — de viver com o espectro da morte, na casa vazia, nas faces lividas, no corpo esquelético, nos filhos tuberculosos e rotos, no estômago vazio.

O sr. Alberto Xavier pensou por certo nos roubados quando mandou, embarcar de madrugada o que o povo

recebe em volta do envio das moedas um mistério—que como todos os mistérios de Portugal, se desvendou. O sr. Alberto Xavier, mentiu, com aquela desonestidade desleal que está nos modernos costumes politicos e financeiros.

Mentiu, o sr. Xavier dizendo que a prata tinha sido encaixotada porque os caixotes onde ela estava, eram necessários para as novas moedas que, dentro em pouco, são postas em circulação.

Procurou com esta mentira distorcer todas as curiosidades, evitar todas as indignações.

De modo que, o embarque da prata, feito de madrugada, depois da mentirosa versão Alberto Xavier, tem todo o ar dum roubo. Vai para a Inglaterra empenhada, da maneira esquista e anormal, como um ladrão foge com os haveres do roubado. E' uma operação feita legalmente — e o seu remate parece o da façanha duma quadrilha de ladrões. Não parece que a prata vai ao abrigo duma lei mas duma gaita.

302

SILVES ESTÁ DE LUTO

Não se realizaram as festas de São João, em sinal de protesto
O proletariado continua a exteriorizar a sua indignação

(Do nosso enviado especial).

SILVES, 26. — Não se apaga facilmente o espírito da população desta cidade a tragédia de domingo passado. Pode dizer-se que a cidade está de luto. Havia algumas festas preparadas para o São João. Essas festas não se efectuaram em sinal de sentimento e do diâmetro existente para as diversas populações foi entregue à viúva do assassinado Francisco dos Santos Gonçalves, que, como dissemos, deixou cinco filhas na orfandade, tendo a mais velha 11 anos apenas.

Aquele acto de solidariedade demonstrado a bem da repulsa do povo de Silves pelo massacre.

Na segunda e na terça-feira nenhum operário daqui trabalhou em sinal de protesto, conservando-se a mais haste as bandeiras dos sindicatos dos corticeiros e da construção civil. No domingo efectuou-se uma sessão de protesto na sede do Sindicato Corticeiro, onde foram tomadas as deliberações a que acima nos referimos, e resolvido que todos os trabalhadores se encorparassem no funeral de Francisco dos Santos Gonçalves, que se efectuou na segunda-feira de manhã.

O funeral da vítima

O governador civil de Faro, que viera no domingo a esta cidade, sendo procurado por uma comissão da classe corticeira, disse que permitia que o povo se incorporasse no funeral, porém não consentia que se pronunciassem discursos, acrescentando que «por ora ainda somos nós (eles) que mandamos»...

O cadáver do infortunado Francisco dos Santos foi na tarde da Associação dos Corticeiros, e as ruas do percurso estavam cheias de gente.

No funeral encorporaram-se algumas centenas de pessoas, mas ao chegar próximo do cemitério, contra o que esperavam, apareceu uma força de cavalaria da guarda que não permitiu que o povo seguisse. De outros lados surgiram mais duas forças também para impedir que o cadáver fosse acompanhado por tanta gente que num legítimo direito e com a sua presença, ordeira queria demonstrar a sua condenação pelo crime praticado.

E assim o cadáver entrou no cemitério sem que o pudessem acompanhar os trabalhadores, os amigos da vítima. Não se compreendem bem as razões de tais medidas preventivas, pois o povo de Silves nunca para elas deu razão. São as próprias autoridades que no-lo dizem, afirmando que os trabalhadores são amigos da ordem.

Sendo assim, como o temos contado, não vemos motivos que justifiquem tais medidas. Com certeza que os operários não iam fazer a revolução no cemitério, mesmo que se pronunciassem discursos e se o fizessem simplesmente poderiam exteriorizar a sua revolta por um crime que a todos indignou.

Soubemos que a ida das forças para o cemitério obedecia a uma determinação do respectivo juiz, que nesse sentido oficiara para o administrador do concelho a fim de não haver demora para que a autópsia se efectuasse a uma hora já determinada anteriormente.

O povo atendeu essas medidas, não entrou no cemitério para evitar um novo massacre, pois, pelo que se verifica, qualquer pretexto serve para justificar crimes como o de domingo.

Posto em liberdade sob fiança

Já dissemos que Augusto César da Silva foi ontem restituído à liberdade mediante a fiança que lhe foi arbitrada pelo crime de sedição. Demonstramos não haver razão para o acusarem de tal crime porquanto aquele operário em nada contribuiu para a tragédia, pelo contrário se esforçou sempre para evitar o mínimo incidente. E assim aconteceu. Se crime houve, e bem repugnante e bárbaro que ele foi, só é da responsabilidade dos mantenedores da ordem que obedeceram a quem o mandou praticar.

Neste ponto achamos interessante frisar que há quem afirme não terem sido as ordens de fogo dadas pelo comandante. Então quem mandou fazer fogo? A quem obedeceram os soldados? Por que razão o comandante em vez de proceder contra os criminosos, meteu na cadeia a Augusto César da Silva que vinha cumprir a nobre missão de entregar as crianças a seus pais?

Há esta frase interessante dum soldado: «Punha a cabeça debaixo dum cepo em como a voz que mandou fazer fogo era a do comandante. Mas ele diz que não...»

Durante os dias em que esteve preso Augusto César da Silva, era uma verdadeira romaria para a prisão. Centenas de pessoas o visitaram afirmando-lhe a sua solidariedade moral. As crianças eram em grande número e passavam longas horas junto das grades da prisão onde se encontrava. Era um quadro interessante o que ali se presenciava.

Agora, depois que saiu, por qualquer rua que passe, é saudado com um carinho entrecruçado por parte da população. Todas as pessoas o cumprimentam demonstrando-lhe a sua satisfação por o verem em liberdade.

É necessário acentuar que os carcerários ou carcereiros desta cidade tinham resolvido não trabalhar sem que pusessem em liberdade o operário A. César da Silva.

O estado dos feridos

O estado dos feridos continua o ser o mesmo. O operário corticeiro José Vieira segue hoje para Lisboa para ser radiografado.

Como se sabe este operário foi atingido com quatro tiros numa perna. Manuel dos Santos, irmão do assassinado, continua com uma bala no peito, não havendo facilidade em a extrair. Afirma-nos o respectivo médico que se não houver qualquer complicação que se salve.

Há ainda outro ferido com tiros nas duas pernas, que já vai melhorando. Uma criança, atingida com um tiro na cabeça, também ainda se encontra no hospital, recebendo ainda curativos outras que levaram esparadrapos.

Muitas pessoas existem também que foram bastante maltratadas, umas com

espadeiradas e outras porque caíram de

lombo por um despeñadeiro quando fugiam à ferocidade da guarda, caindo-se neste número algumas crianças.

Por ocasião da tragédia muitas pessoas se atiraram ao rio seguindo a nado para a margem oposta, salvando-se assim de ser atingidas.

A manobra da imprensa...

Já ontem nos referimos ao facto de haver alguns jornais que têm deturpado a verdade.

Assim o *Correio da Manhã* afirma que a força da guarda foi atacada a pedrada. É redondamente falso. Ninguém é capaz de confirmar tal facto. Ainda o mesmo jornal fez outras referências que também não são verdadeiras. Vê-se, porém, o desejo de arranjar vitimas e justificar o criminoso acto praticado.

Quando uma força se coloca num cêrro, não tem com certeza a missão de impedir ordens que passem qualquer grupo de pessoas. A intenção é muito diferente e assim, quando os soldados se colocaram num ponto alto, tudo leva a crer que já sabiam qual era a sua missão — e essa missão era nem mais menos do que matar, não se respeitando até as crianças que naquele momento vinham cheias de alegria por voltarem aos lares paternos.

Chegou ontem a Lisboa, vindo de Silves, o operário corticeiro José Vieira, que deu entrada na enfermaria de São João Baptista do hospital de Arroios.

O tenente Vinhas

autor de 18 mortes!

O crime em nome da ordem consagrado pelo parlamento e condenado pelo povo, resultando de antemão premeditado pelo ministro do Interior.

Os fusilamentos de Silves seguem-se aos dos Olivais assim o demonstram.

O autor dos assassinatos de Silves, tenente Vinhas, já tem, a sombra da sua fama, no seu cadastro *heróico*, 18 mortes! Já cometeu em nome da lei 13 assassinatos, fusilou em Barcarena em nome de Sidónio Pais, dezasseis pessoas. Em Peniche fusilou mais uma e agora em Silves cometeu o terceiro acto do seu insólito feroz.

A sua acção de agora foi de antemão premeditada pois muito bem sabia o tenente Vinhas — não é demais repeti-lhe o nome para que não fique no olvido — quando se emboscou com a força, que naquela altura da estrada era impossível dispersar centenas de pessoas e que só o podia fazer dirigindo-se para a cidade em pequenos grupos, o que levaria proximamente a uma hora. A estrada, no ponto em que o povo foi atacado, é ladeada por um enorme aterro com uma parede de resguardo e por uma enorme trincheira. E, era nestas condições que ele queria a dispersão do povo. Se o povo de Silves não podia entrar na cidade com as crianças em agrupamento devia, se o assassinato não tivesse já premeditado, ter mandado a estação do caminho de ferro avisá-lo dessa proibição. O assassino assim não o compreendeu, porque os seus instintos ferozes pediam sangue de inocentes.

E assim, quando toda aquela massa humana na maior das alegrias seguia desprotegida e as crianças riam de se verem novamente juntas dos seus entes mais queridos, surge a fera que mande fazer três descargas pelas praças de infantaria e seguidamente acutilar pela cavalaria os que tinham escapado à sua ira. A pressa de fusilar foi de tal natureza que não mandou fazer os sinais que lhe ordenam os regulamentos militares. Prova-se mais uma vez a premeditação dos seus instintos ferozes.

Uma sessão no Sindicato dos Caixeiros

Promovida pelo Núcleo de Estudos Sociais e Associação dos Caixeiros, realizou-se hoje, pelas 21 horas, no Sindicato dos Caixeiros, rua António Maria Cardoso, 20, 1.ª, uma grandiosa sessão de protesto contra a apreensão da *Batalha*, prisão de operários sem culpa formada e crimes dos Olivais e de Silves.

A esta sessão devem comparecer todos aqueles que repudiaram a grande série de crimes e violências exercidas contra o operariado.

Para esta sessão foi distribuído um vibrante manifesto que a polícia resolveu arbitrariamente não deixar circular, apreendendo-o. Como se vê as autoridades persistem em se colocar na injustiça...

O Sindicato dos Corticeiros de Lisboa, reunido para apreciar os acontecimentos de Silves, resolveu que a classe reúna em assembleia magna na próxima segunda-feira, às 18,30 horas, para melhor vincular o seu protesto contra as atrocidades ali cometidas pela guarda republicana e se preparar para apoiar as deliberações que a Federação de indústria e a C. G. T. tomem sobre o assunto. Resolveu ainda fazer chegar a todos os componentes da classe o dever de comparecerem no comício que amanhã se realiza.

Também a direcção aprovou um enérgico protesto contra o tremendo crime de Silves, resolvendo retirar do cofre sindical a quantia de 50\$00 para a viúva e filhos de João Gonçalves e mais vítimas da ferocidade da G. N. R.

O protesto operário em Faro

FARO, 26. — Na U. S. O. desta cidade, realizou-se uma reunião do proletariado, para protestar contra a cidade de que foi vítima o povo de Silves. Falaram diversos camaradas sobre o assunto, entre eles duas testemunhas oculares que tinham acompanhado as crianças.

Foi aprovada uma moção, cuja conclusão é: O povo trabalhador de Faro, reunido em assembleia magna, protesta contra a desumanidade cometida pela guarda republicana de Silves, do comando do tenente Vinhas, e exige o castigo dos culpados de tão grande selvageria, para que actos desta natureza se não tornem a repetir.

Fez-se uma subscrição a favor da viúva do camarada fusilado, que rendeu 61\$00. — (C.)

O protesto operário em Mes-sinios

MESSINIOS, 26. — A comissão admi-nistrativa do sindicato da construção

civil, interpretando o sentir da classe, protesta enérgicamente contra o bárbaro crime praticado em Silves, pela guarda republicana.

A classe vai reunir para serem aprovados documentos, a enviar ao presidente da república e ao parlamento, de protesto contra o inaudito fusilamento. Vai também deliberar sobre o modo de acudir às famílias das vítimas.

O protesto operário

Reuniram os corticeiros de Aldega-lega, que apreciaram o bárbaro atentado de Silves, tendo protestado enérgicamente, resolvendo secundar qualquer movimento nacional de protesto que a organização leve a efeito.

A direcção do sindicato do Pessoal da Exploração do Porto de Lisboa, reunida ontem, exarou o seu mais veemente protesto contra os bárbaros fusilamentos de Silves.

A comissão administrativa da Secção Sindical de Palma e Arradores do S. U. da Construção Civil, resolveu tornar público o seu indignado protesto contra o crime praticado em Silves, por feras fardadas ao serviço da vil casta capitalista.

A direcção do sindicato dos Empregados de Escritório, reunida com os delegados da U. S. O. e comissão da festa pro-natório, apreciou os acontecimentos de Silves, aprovando um veemente protesto contra o canibalismo atentado ali praticado pela G. N. R. e resolvendo enviar um delegado ao comício que amanhã se realizará.

A Federação de Tanoaria e Anexos, alarmada com os sucessivos assassinatos de operários cometidos pela chamada força pública, que já nem respeita inocentes e indefesas crianças e mulheres, lavra o seu mais veemente protesto contra esses «excrucantes» actos, tão abominavelmente sancionados pelos poderes constituídos, e resolve colaborar num movimento de protesto que a C. O. T. leve a efeito para desafiar do proletariado. Mais resolve realizar uma queime em favor da viúva e filhos de Francisco dos Santos Gonçalves, cobardemente assassinado em Silves pela guarda republicana.

A assembleia do sindicato dos Des-carregadores do Porto de Lisboa protestou enérgicamente contra o monstruoso crime praticado em Silves pela guarda republicana e resolveu apoiar qualquer movimento de protesto efectuado pelo C. G. T. e conservar a bandeira a meia adriça, como demonstração de sentimento pelo operário vilmente assassinado naquela cidade.

A comissão administrativa do sindicato dos Tanoeiros de Lisboa, depois de apreciar o feroz procedimento da G. N. R. de Silves, contra o qual formulou o seu enérgico protesto, resolveu convidar toda a classe a assistir ao comício que promovido pela U. S. O. amanhã se realiza.

Na assembleia magna realizada pelos Tanoeiros de Esmeriz, para apreciar o «lock-out» declarado pelos industriais, foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º Lavar o seu protesto contra o crime cometido pela guarda republicana em Silves.

2.º Exarar na acta um voto de sentimento pela morte dum camarada na aquela localidade.

3.º Dar o seu apoio à Federação de indústria para desde que ela o julgue conveniente, levar a efeito qualquer movimento de protesto contra o monstruoso crime.

Recebemos os seguintes telegramas: «A Associação dos Soldadores de Setúbal salda a *Batalha* pela sua enérgica campanha e protesta contra a sua apreensão e contra os acontecimentos de Silves — A Direcção».

«Profundamente ferido nos meus sentimentos de humanidade pelos insólitos crimes em Silves de povo indeluz, lavro o meu protesto contra os assassinos — Norberto de Carvalho».

O assassinato de Matteotti

ROMA, 27. — Foi preso Giuseppe Voli, incriminado no assassinato de Matteotti. A polícia continua activamente as suas diligências para descobrir a forma como foi cometido o atentado e todos os cúmplices dele.

A união dos trabalhadores italianos decidiu fazer hoje uma manifestação comemorando a morte do deputado Matteotti.

Em toda a Itália será suspenso durante dez minutos o trabalho nas fábricas, suspendendo-se também todo o tráfego, durante dez minutos. Os deputados socialistas na câmara, manifestar-se-ão também. — (C.)

Manifestações anti-fascistas em França

PARIS, 27. — Os comunistas franceses fizeram demonstrações anti-fascistas em frente do consulado italiano em Toulon.

A polícia interveio, prendendo cinco comunistas, tendo ficado dois policiais feridos.

Confissão cinical

ROMA, 27. — Os jornais referem-se com palavras de indignação ao facto de Volpi, preso como implicado no assassinato de Matteotti, haver afirmado num café em Milão que mutilara o cadáver do deputado socialista.

SECÇÃO TELEGRAFICA

Federações

TANOARIA
Sindicato de Gaia. — Não pode ir delegado em virtude da falta de receita. É bom nomearem comissão de «desmarches» e se for possível transgír.

Sindicato de Esmoriz. — Seguiu o ofício. Apreciei o seu conteúdo e pondero. Delegado não pode ir por falta de receita.

EMPREGADOS NO COMÉRCIO
Sindicato da Guarda. — Digam-nos a que decreto se referem.

Sindicato de Olhão. — Recebemos credenciais e informações do julgamento. Junta Norte. — Até agora ainda não recebemos informações da reunião do Conselho Geral do Norte.

A BATALHA

TEATRO NACIONAL

Hoje e todas as noites

Os dois garotos

Protagonistas: ILDA STICHINI e ESTER LEÃO

Preços reduzidos

Platea: 4\$40, 5\$60, 9\$50 e 12\$00

Camarotes: 20\$00, 35\$00 e 50\$00

Galeria: 3\$40 — Não há locação

CRÓNICA DO PORTO

O famoso hábito de pedir

Pede-se para tudo: Santa Casa da Misericórdia, Cruz Vermelha, sede-ras da polícia, São João e São Pedro...

N miséria dos que não pedem e a "pobreza" dos comerciantes

PORTO, 26. — Lister, depois de haver em 1668 visitado Paris, escreveu, verdadeiramente atônito e penalizado: «A multidão dos pobres e dos miseráveis é tal, que quer de carro, quer a pé, quer em qualquer loja, vós não podeis conseguir coisa alguma por causa do número e da importância dos mendigos».

Preclaríssimos leitores: aqui nesta «pequena» cidade, nada comparável à de Paris, em área, população e grandeza artística e de decotado cosmopolismo — está-se, nestes lindos anos que vão decorrendo, numa situação idêntica, senão pior, atendendo à importância relativa deste velho burgo.

Há, porém, duas espécies de miséria: a miséria pobre e a miséria aristocrática — miséria parecida com a descrita por São Vicente de Paula, a qual, como em Villiers-le-Bel, corre «aos animais mortos que são atirados ao monturo» — disputa «com os cães a posse dum pedaço de comida», e a miséria chic, fresca, vaporosa, ostentada, em vez de chagras e aljebras, litas perfumadas e cor de rosa a aderecem em derredor dum tentador sorriso, bailando nos lábios feminis excessivamente acarados.

O velhissimo rito afirma que na renda de pedir nunca ninguém perdeu. Talvez por isso mesmo, é que três quartas partes do Porto, três quartas partes do país, se entregaram à mendicância desenfreada — por vício, por necessidade, por dilettantismo...

Já o excitado rei Carlos entendera que o nosso « Jardim de Placidez » era um jardim de pilcheira, estando ao sol. Mas a raga de « pilcheiros » vai numa progressiva propagação espantosa...

Não podemos articular um passo sem que tenhamos de nos haver com toda a sorte de mendicantes. E para que o burlo melhor tenha a certeza de cair do saco, substituí-se o pessoal masculino pelo feminino — com o olho e os braços ao lóu, sacrocentado atrás de nós e soltando... verdadeiras risadas de cristão...

Quer a pé, quer a cavalo, quer de trem, auto, eléctrico ou carro de bois — de qualquer forma somos abordados por «mendigos», na maioria de sexo frágil, mercê das indispensáveis atracções. Não escapamos em casa, na taberna, no restaurante, no hotel, no café, no teatro, no cinema, no escritório, na fábrica, na oficina...

Agora pede-se para uma viúva... alegre, perdidamente; logo para uma família de tuberculosos; depois para a compra de uma perna de pau... para um desgraçado que fura a estrada pelo Severiano da Carris...

Passada esta chusma de pedintes, surge outra a esmolar para o São Tiago, para o Santo António, São Camões, São João, São Pedro... e demais santos e santas da corte celestial...

Satisfeita esta praga de «miseráveis» — aparece-nos, em porfia «misericórdiosa», o bado gentil e garrido com sedas, a implorar-nos a nossa sentida esmola... para a cruz violeta, a cruz azul, a cruz branca, a cruz preta, a cruz vermelha; para as motas das esquadras policiais, para a Santa Casa... para a sciência do ar, colocando-se cofres enfeitados nas praças públicas, isto é: coxins de esmolas, como as portas das igrejas, dedicadas a este aviador, àquele mecânico, àquele *rair*... de miséria moral a tornar-nos todos ridículos...

e a afluente dos turistas, porque as suas nacionalidades não se vêem assim um espectáculo tão vergonhoso...

As coisas fazem-se com menos exibicionismo, com mais decência e mais exortabilidade...

Vivemos num país essencialmente pedineiro: é um *adon* de pedintes.

Até o próprio Estado, — ao qual, visto considerá-lo o presidente e providencialista por excelência, «compela» olhar pela pobreza franciscana da caridade, das criaturas, das coisas... da sciência e arte oficiais, já que nos esmaga inenunciavelmente com impostos indirectos, directos, complementares, etc. — e até o próprio Estado, dizíamos, «vai» também efectuar uma festa nacional da flor, cujo producto se destinara a lenitivar as suas necessidades de desperdícios, esbanjamentos, orgias em grande...

Pelo menos é o que aqui corre...

E como estamos em maré de pedir, estamos já avisados de que, em virtude dos governos e câmaras municipais haverem quadruplicado os seus tributos, a honrada classe de comerciantes vai também realizar a sua festa da flor...

permanente, pedindo o quintuplo sobre os preços dos géneros.

Nas vendas, onde comem centenas de operários, já se fez esta declaração: cada 3 centímetros quadrados de *espina* de bacalhau medido num pau vai passar a custar de 2\$00 a 2\$50. Esta será a base pela qual se poderá encontrar o preço «exacto» dum *parado* jantar, composto dos antigos dez reis de milho e arroz e feijão dez reis de

TEATRO APOLO

HOJE

«Reprise» da comédia

Em boa hora o diga

nos principais papéis

MARIA MATOS e SILVESTRE ALEGRI

Na «Voz do Operário»

Foi demitida a sua comissão administrativa

Neste jornal foram apontados vários escândalos e erros praticados pela actual comissão administrativa da «Voz do Operário». Essa comissão, foi devidamente argumentada e baseada não em insinuações, mas em factos concretos. Em troca, por parte dos detentores incompetentes, os «papeis da Voz do Operário», só com insinuações se nos queriam voltar.

No intuito de se salvarem, para que a sindicância que lhes era feita não concluisse, espalharam boatos diversos, entre os quais o de que os *bolchevistas* pretendiam apoderar-se da «Voz do Operário». Apesar desses boatos, de todas as intrigas e de influências manejadas, a sindicância que estava emperrada, desmoronou-se. E, ao desmoronar-se, o sr. ministro do trabalho, reconhecendo os erros e nefastos actos da comissão administrativa, demitiu-a.

Querem maior prova do fundamento verídico da campanha que nestas colunas lhes foi movida?

Em face da decisão do sr. ministro do trabalho, vai ser nomeada pelo sr. governador civil uma nova comissão administrativa que será constituída por sócios auxiliares e electivos.

Vida Sindical

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado inicia no dia 30 do corrente, as consultas aos operários consultados, na cidade do Porto — Secção Jurídica zona norte — sede da U. S. O., pelas 21 horas prefixas, onde se irão prestar consultas periódicas pelo advogado dr. Campos Lima, prestando todas as declarações para esse fim o nosso camarada Santos Vaz.

Consta, também, este secretariado, a libertação dos operários Manuel Tavares e Luís Ferreira da Silva, que se encontravam no presídio da Trafaria, cercados de liberdade, como os restantes operários que ainda ali ficaram, sem que nada se prove contra eles.

COMUNICAÇÕES

Manufactores de calçado — Reuniu a assembleia geral, apreciando as acusações feitas por vários camaradas a um componente da classe delegado a U. S. O., resolvendo a assembleia ratificar-lhe a confiança, em virtude de não haver razões que justifiquem o contrário.

Apreciou-se o relatório da comissão administrativa transacta, sendo aprovada e nomeada a comissão revisora que ficou composta por Artur Marques, Belmiro Simões e António Martins.

Procedendo-se à nomeação dos corpos gerentes, ficou a comissão administrativa composta por Fernando Rodrigues, Belmiro Simões, Jaime Vasco, Joaquim Celestino e António Martins, secretários da assembleia geral. 1.º Alfredo Guilherme, 2.º Augusto Ferreira.

Ratificaram ainda a confiança ao camarada Rafael dos Santos, porque tendo sido tomado como responsável pela importância de uns bilhetes, justificou a sua não responsabilidade, tendo pago a respectiva importância de 5\$900.

Liga dos oficiais da marinha mercante. — Reuniu a secção da pesca que se ocupou de vários assuntos de interesse e elegeu por secretários Matias do Couto, Alberto da Assunção e P. Belem.

Refinadores de açúcar. — Reuniu novamente a classe para se ocupar do caso da Refinaria Ultramarina, sendo nomeada uma comissão com plenos poderes para tratar junto das autoridades das irregularidades que se cometem com o fabrico do açúcar.

Federação Mobilíaria. — Reuniu a comissão administrativa que, entre outros assuntos, apreciou o desenvolvimento a dar à organização mobilíaria encetando trabalhos tendentes a este fim.

Resolveu-se pôr em prática o alvitre da comissão organizadora do 2.º congresso corporativo e tomou na ovida consideração a exposição do secretário geral que se afasta temporariamente para tratar da sua abalada saúde.

CAMARA MUNICIPAL

Nesta sessão extraordinária de ontem à noite foi aprovada a proposta do sr. Raúl Caldeira, apresentada, como noticiamos, na sessão anterior para se permitir a continuação da obra de construção do Teatro Joaquim de Almeida, sem prejuizo da conclusão da Avenida Alvaros Cabral.

São aprovadas as tabelas de vencimento e subvencões dos erários municipais dentro da verba de 4.500 contos por ano.

Após larga discussão foram aprovados por maioria os pareceres favoráveis ao pedido feito por Augusto Vaz Monteiro, para lhe ser consentido fazer o prolongamento da rua Nova de Santo António à Praça do Brasil, sem despesa alguma para a Câmara, tendo votado contra os vogais da maioria e os sr. Guilherme Pereira.

SOLIDARIEDADE

Manuel H. Freitas comunicou-nos ter recebido a quantia de 14\$500, produto de várias cestas de solidariedade em favor quando esteve doente sendo 2\$650 do pessoal das obras do Município.

TEATRO APOLO

HOJE

«Reprise» da comédia

Em boa hora o diga

nos principais papéis

MARIA MATOS e SILVESTRE ALEGRI

Na «Voz do Operário»

Foi demitida a sua comissão administrativa

Neste jornal foram apontados vários escândalos e erros praticados pela actual comissão administrativa da «Voz do Operário». Essa comissão, foi devidamente argumentada e baseada não em insinuações, mas em factos concretos. Em troca, por parte dos detentores incompetentes, os «papeis da Voz do Operário», só com insinuações se nos queriam voltar.

No intuito de se salvarem, para que a sindicância que lhes era feita não concluisse, espalharam boatos diversos, entre os quais o de que os *bolchevistas* pretendiam apoderar-se da «Voz do Operário». Apesar desses boatos, de todas as intrigas e de influências manejadas, a sindicância que estava emperrada, desmoronou-se. E, ao desmoronar-se, o sr. ministro do trabalho, reconhecendo os erros e nefastos actos da comissão administrativa, demitiu-a.

Querem maior prova do fundamento verídico da campanha que nestas colunas lhes foi movida?

Em face da decisão do sr. ministro do trabalho, vai ser nomeada pelo sr. governador civil uma nova comissão administrativa que será constituída por sócios auxiliares e electivos.

Vida Sindical

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado inicia no dia 30 do corrente, as consultas aos operários consultados, na cidade do Porto — Secção Jurídica zona norte — sede da U. S. O., pelas 21 horas prefixas, onde se irão prestar consultas periódicas pelo advogado dr. Campos Lima, prestando todas as declarações para esse fim o nosso camarada Santos Vaz.

Consta, também, este secretariado, a libertação dos operários Manuel Tavares e Luís Ferreira da Silva, que se encontravam no presídio da Trafaria, cercados de liberdade, como os restantes operários que ainda ali ficaram, sem que nada se prove contra eles.

COMUNICAÇÕES

Manufactores de calçado — Reuniu a assembleia geral, apreciando as acusações feitas por vários camaradas a um componente da classe delegado a U. S. O., resolvendo a assembleia ratificar-lhe a confiança, em virtude de não haver razões que justifiquem o contrário.

Apreciou-se o relatório da comissão administrativa transacta, sendo aprovada e nomeada a comissão revisora que ficou composta por Artur Marques, Belmiro Simões e António Martins.

